

O LEITOR ESPECIAL

Estado Palestino é a única saída para Israel

O rabino Henry I. Sobel pergunta, em carta publicada em 01 de agosto, “por que Israel deve ater-se a elevados padrões de conduta moral, enquanto a maioria dos países árabes nega ao Estado de Israel os atributos mínimos de uma nação: legitimidade e fronteiras seguras?”.

O sentido da pergunta é de justificar a violência que Israel vem exercendo contra a população civil palestina e libanesa com base na falta de ética e de confiabilidade das lideranças políticas árabes, responsáveis entre outras mazelas pela recusa da maioria dos países árabes em abrigar seus correligionários refugiados. Esta postura árabe justificaria o desprezo do governo israelense aos anseios nacionais dos palestinos.

O propósito da carta é de advogar uma atitude mais tolerante da opinião pública para as transgressões israelenses à consciência da humanidade, com base no argumento de que esta consciência vem sendo cotidianamente violentada pelos mais diversos governos.

Existe um conjunto de judeus, do qual faço parte, cujo enfoque da questão coloca ênfase em aspectos não mencionados pelo rabino. Para nós, a reflexão sobre a sofrida História Judaica conduz acima de tudo a um agudo senso de solidariedade para com os oprimidos. Acreditamos que se deva lutar para liquidar a opressão e não para trocar o papel de vítima pelo de algoz. Acreditamos também que o sofrimento dos “outros” deva ser medido com a mesma métrica utilizada para medir o “nosso”. Pensar distintamente seria dar razão a Hitler.

O povo palestino tem direito a auto determinação. O povo judeu, que também tem o mesmo direito, conhece por experiência própria o que significa a negação a uma plena existência nacional. Como serão necessárias muitas gerações para que o ódio adubado por tantas guerras feneça, o caminho para a solução da questão palestina passa necessariamente pela construção de um Estado Palestino, distinto do Estado de Israel.

Esta solução é de implementação extremamente complexa, envolvendo delicadas questões territoriais e a discordância tanto do governo de Israel como dos países árabes. O comportamento destes governos não permite que se alimente esperanças de que alguma solução pragmática e viável para a questão palestina surja por seu intermédio.

Talvez o mecanismo de solução esteja germinando dentro da própria sociedade israelense. Grupos de cidadãos estão se mostrando cada vez mais inconformados com a postura agressiva da gestão do Sr. Begin. Nas guerras passadas, cada professor, operário, engenheiro, estudante que largasse suas atividades civis para se juntar ao exército num momento de emergência, tinha a convicção de que o fazia para exercer o direito de defesa. Isto não mais acontece na presente guerra, notoriamente de agressão.

Esta nova tendência dentro da sociedade israelense não deve ser desprezada – a comoção causada pela Guerra do Vietnam nos Estados Unidos mostra quão poderosa pode ser a oposição a uma guerra injusta dentro de uma sociedade democrática, como a americana e a israelense (aliás a única do Oriente Médio).

Encontrar um caminho para a implantação do Estado Palestino é um desafio que a sociedade israelense mais dia menos dia terá que enfrentar, para satisfazer não apenas a uma questão ética mas também para assegurar a sobrevivência das futuras gerações. Se este desafio não for vencido, os palestinos continuarão vivendo em campos de refugiados, sendo escoraçados de país em país, e servindo de motivação para sucessivas guerras contra Israel. Em termos probabilísticos, é certo que alguma guerra será ganha pelos árabes. Como se sabe, a primeira guerra que o Estado de Israel perder será também a última.

Muitos acham a construção do Estado Palestino uma tarefa impossível. Entretanto qual é a alternativa? O extermínio dos palestinos?

Jerson Kelman mora no Rio de Janeiro